

Arquitetura de batalha entre direita e esquerda

Matheus Rocha

Folha de S. Paulo, 27.dez.2025

Embate entre modernistas e tradicionalistas toma a internet.

A construção é tão monumental que parece ter sido feita para intimidar. Na fachada, oito colunas brancas sustentam o frontão, uma grande estrutura em formato triangular.

É uma composição facilmente vista em filmes épicos, livros de história ou numa busca rápida por pontos turísticos de [Atenas](#) ou [Roma](#). No entanto, ainda que a inspiração sejam os princípios greco-romanos, os alicerces desse edifício estão em terras brasileiras.

É uma das filiais da Havan, a loja de departamentos criada pelo empresário [Luciano Hang](#) há quase quatro décadas e que, desde 1994, constrói suas unidades com inspiração na fachada da Casa Branca, a residência oficial do presidente [Donald Trump](#).

Para coroar a admiração de Hang pelos Estados Unidos, hoje mais de 70 desses empreendimentos viraram cartões-postais pelo Brasil, em especial por acompanharem enormes réplicas da estátua da Liberdade.

Mais do que um pastiche do estilo clássico, a pompa adotada por Hang, apoiador de [Jair Bolsonaro](#) nos últimos anos, é um dos sinais dos embates que transformaram a arquitetura num campo de batalha ideológico.

De um lado, figuras da direita olham para o passado em busca da solidez associada às tradições antigas, enquanto rejeitam os ditames do modernismo. Do outro, setores da esquerda tentam proteger de ataques o legado desse movimento —não raro iluminado por visões utópicas do século 20 pelo mundo, desde os projetos da escola alemã Bauhaus aos de nomes como [Oscar Niemeyer](#) e [Lina Bo Bardi](#) no Brasil.

Também apoiador do ex-presidente Bolsonaro, o cantor [Gusttavo Lima](#) causou burburinho quando mostrou ao mundo sua enorme mansão de estilo neoclássico, avaliada em R\$ 50 milhões, batizada de Fazenda Balada, na região metropolitana de Goiânia. Nas redes sociais, o imóvel foi definido como "greco-goiano", tachado de cafona e comparado às lojas da Havan.

A internet, aliás, é um dos principais palcos dessas disputas. No Instagram, perfis se dedicam à defesa da arquitetura de viés tradicionalista. Uma dessas contas é a do escritório Alvear Arquitetura Clássica, que tem 50 mil seguidores.

"A história já testemunhou estilos magníficos. Da harmonia das ordens gregas ao esplendor barroco que ainda hoje emociona. Cada era deixou marcas compreensíveis, belas e intencionais", afirma uma das publicações da empresa, que anuncia projetos de diferentes matrizes, da renascentista ao estilo federal americano. "Mas o modernismo do nosso tempo desafia qualquer lógica estética."

Paulo Giacomelli, um dos fundadores do escritório e presidente do Instituto Liberdade, dedicado à difusão do pensamento liberal, afirma que o empreendimento surgiu há seis anos como resposta a uma demanda de mercado. "As pessoas estão insatisfeitas com a hegemonia arquitetônica do modernismo."

Segundo ele, essa visão se tornou tão predominante no país que as construções perderam identidade. "Se a pessoa chega um pouco mais tarde de uma festa, ela tem dificuldade de achar a própria casa. Está tudo parecido", afirma. "A arquitetura tradicional é 'outsider'" — isto é, forasteira.

O termo, não por acaso, é um dos arquétipos associados a nomes como Donald Trump e [Javier Milei](#), personalidades que se projetaram como alternativas a um sistema político que julgam ser falido e também corrupto.

"Na arquitetura, existe hoje uma zona de conflito", diz o empresário. "É um movimento 'outsider' tentando se estabelecer dentro de um cenário marcado pela hegemonia de ideias da esquerda."

Não é isso, porém, o que pensa Rafaela Simonato Citron, arquiteta que também debate sua área de atuação nas redes sociais. "Eu já ouvi gente falar que existe uma doutrinação modernista nas faculdades, mas esse é um pensamento que ignora o contexto. A gente não aprende a projetar em um estilo ou em outro. Nós aprendemos a projetar construções e ponto final."

Em janeiro, Citron decidiu produzir um vídeo depois de ver críticas ao modernismo em comentários no Instagram. No registro, a arquiteta pediu que seus seguidores ficassem atentos a publicações que glorificassem preceitos antigos. "Cuidado, você pode estar caindo num discurso da extrema direita."

O vídeo furou a bolha, chegou a outros nichos e quase trouxe uma dor de cabeça judicial à autora. Ela diz que tirou o material do ar após um arquiteto tradicionalista ter dito que ela o associava ao fascismo. Recentemente, ela voltou ao tema ao lado de outro criador de conteúdo, refletindo sobre como a percepção da beleza é subjetiva.

"Toda vez que a gente fala sobre isso vem um perfil ligado à arquitetura tradicional dizer que existe uma ditadura modernista. Além disso, essas pessoas dizem que o estilo é deliberadamente feio."

Não à toa, no final de agosto, Donald Trump editou uma ordem executiva intitulada "Making Federal Architecture Beautiful Again", ou fazendo a arquitetura federal bela de novo. No texto, determina que edifícios públicos sejam construídos em conformidade com a arquitetura clássica e rechaça as correntes de vanguarda, definidas como impopulares, sem graça e pouco atraentes.

A medida gerou mal-estar no Instituto Americano de Arquitetos, maior associação de profissionais da área dos Estados Unidos. "Restringir as opções de arquitetura federal a estilos da Antiguidade ignora a evolução natural e limita nossa liberdade de criar edifícios que atendam às comunidades modernas", disse a organização em nota.

Na ordem executiva, a Casa Branca argumenta, porém, que a democracia americana havia sido fundada por defensores do estilo clássico, como George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos, e Thomas Jefferson, autor da Declaração de Independência do país. "Eles procuraram conectar visualmente nossa república contemporânea à democracia da Antiguidade clássica, lembrando aos cidadãos não apenas de seus direitos, mas também de suas responsabilidades."

Pesquisadores, porém, são céticos em relação a isso. Para eles, o movimento de Trump tem menos a ver com defender os valores democráticos e mais com o desejo de consolidar autoridade.

"Embora ele tente atualizar o classicismo, não se trata de uma volta aos valores da Grécia antiga", diz Ademir Pereira dos Santos, professor de arquitetura do Centro Universitário Belas Artes, em São Paulo.

"Na verdade, essa é uma volta simbólica a Versalhes, na medida em que ele deseja estabelecer sobre Washington um controle absoluto, fazendo da capital o seu jardim pessoal e corroendo os valores democráticos que o levaram a ocupar a Casa Branca."

Da mesma forma, no início deste ano, um membro do partido de direita radical Alternativa para a Alemanha culpou os trabalhos da célebre escola [Bauhaus](#) por problemas econômicos de uma região do país, já que seriam supostamente fruto de doutrinação comunista.

Não à toa, a instituição foi ameaçada pelos nazistas nos anos 1930 e fechou —muitos de seus intelectuais acabaram indo para os Estados Unidos carregando ideais antiburgueses. O Terceiro Reich de [Adolf Hitler](#) preferiu a arquitetura neoclássica para se vincular a uma suposta grandeza do Império Romano.

Já na União Soviética, [Josef Stálin](#) fez algo parecido quando estimulou o desenvolvimento daquilo que ficou conhecido como classicismo soviético. Embora estivessem em lados diferentes do xadrez político, ambos os ditadores pareciam entender a mesma coisa —prédios e monumentos não são nada anódinos, mas a materialização do poder do Estado no espaço público.

"Essa associação simbólica funciona tão bem porque as pessoas pensam na arquitetura apenas como forma, e não como uma extensão do poder", afirma Luciano Muniz, professor da escola de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal Fluminense, a UFF. "Quando aceitamos o espaço como ele nos é dado, aceitamos de forma involuntária a ideologia nele embutida." Além disso, afirma o especialista, construções ajudam a perpetuar ideologias ao fazer delas coisas concretas e duráveis. "É muito mais difícil contestar um prédio do que uma lei ou um discurso. Então, a arquitetura serve para materializar simbologias."

O conjunto de símbolos que a herança greco-romana evoca é especialmente atraente a figuras que almejam demonstrar autoridade. O mais notável elemento é o caráter monumental das construções, que têm como traço mais habitual enormes colunas, escadarias intermináveis e grandes pórticos.

"A fachada dominante e fortificada comunica permanência, solenidade e uma autoridade inquestionável", afirma Muniz. "O cidadão que sobe aquelas escadas é apenas um visitante, e não o proprietário delas. A estrutura lembra quem detém o poder."

A ordem é outro elemento desse estilo que desperta interesse político, conforme já previa o tratado romano "De Architectura", escrito por Vitruvius no século 1º a.C. O documento recomenda que as construções tenham beleza, solidez e utilidade, elementos que formam a chamada tríade vitruviana. "A simetria e a proporção são celebradas, mas não são neutras", diz Muniz.

De acordo com o pesquisador, esses aspectos naturalizam hierarquias, na medida em que se apresentam como fruto de uma racionalidade quase científica e, portanto, inquestionável. "Sob essa lógica, as instituições que prédios neoclássicos abrigam, como tribunais e parlamentos, também seriam fundadas numa racionalidade universal, e não em interesses de classe."

O modernismo se opõe a isso tudo. "Ele está ligado a ideais de futuro, de transformação social, de habitação coletiva e de Estado de bem-estar social", diz Giselle Beiguelman, artista visual e professora da Universidade de São Paulo. "A sua abstração sem ornamento desestabiliza a ideia de tradição como algo fixo e natural."

Exemplo dessa vanguarda é o [Copan](#), no centro de São Paulo, um dos edifícios modernistas mais conhecidos do Brasil. Projetado por Oscar Niemeyer em parceria com [Carlos Lemos](#), o prédio abriga atrás da mesma fachada apartamentos exíguos de 29 metros quadrados até grandes imóveis que podem chegar a 214 metros quadrados.

Críticos, porém, afirmam que esse estilo é restrito à elite financeira. Muniz, o professor da UFF, diz que a elitização do modernismo é fruto de seu esvaziamento enquanto projeto político. "Ao longo do século 20, ele foi progressivamente capturado, domesticado e transformado em signo de distinção. Aquele modernismo que prometia uma igualdade virou uma linguagem de poder das corporações, dando origem a grandes arranha-céus envidraçados."

Prova disso é a profusão de prédios desse estilo no Brasil, onde existem cerca de 21 edifícios com mais de 200 metros de altura em construção, segundo o Council on Tall Buildings and Urban Habitat, um organismo internacional.

Balneário Camboriú, reduto bolsonarista no litoral de Santa Catarina, ganhou o apelido de Dubai brasileira por concentrar alguns dos edifícios mais altos do país. Nos últimos seis anos, a cidade concluiu cinco prédios com mais de 200 metros e, agora, planeja outros quatro com mais de 300 metros.

Um deles é o Senna Tower, que, com 500 metros de altura, quer se tornar o prédio residencial mais alto do mundo. A corrida se reflete nas metrópoles do país. Quatro anos depois de o Platina 220, na zona leste de São Paulo, receber o título de prédio mais alto da cidade, com 172 metros, ele deve perder o posto, em 2026, para o Paseo Alto das Nações, na região sul, previsto para chegar a 219 metros. Propagandeados como exclusivos, num misto de apartamentos, escritórios e shopping, são apostas em que as construtoras se destacam mais que a arquitetura autoral.

Apesar desse esvaziamento político, o modernismo continua visto como um estilo progressista, o que pode ser explicado por fatores históricos e econômicos.

Nas décadas de 1950 e 1960, investimentos sociais em áreas como saúde e habitação ganharam forma com edifícios brutalistas, uma das vertentes dessa escola. Neles, o disfarce do revestimento deu lugar à crueza do concreto aparente, criando uma estética tão austera quanto a atmosfera que pairava sobre a Europa do pós-Guerra.

Diante da destruição e da penúria econômica provocadas pelo conflito, países daquele continente encontraram no brutalismo uma forma de reconstruir sua infraestrutura de forma rápida e barata. Como essa vanguarda se popularizou num período de políticas distributivas, ela ganhou a pecha de esquerdista que a acompanha até hoje.

Nos últimos anos, exemplares do brutalismo vêm sendo demolidos no mundo, o que muitos veem como possível metáfora para o desmantelamento das políticas de bem-estar social do pós-Guerra.

A organização alemã SOS Brutalism registra 175 prédios que podem ser destruídos ou descaracterizados. Nos Estados Unidos, já foram demolidas obras como o hospital Prentice Women's, em Chicago, e o conjunto habitacional Shoreline Apartments, em Buffalo, no estado de Nova York. Em sua ordem executiva recente, Donald Trump fustiga as diretrizes

para a arquitetura federal. Editado em 1962, o documento original orientou a construção de edifícios públicos no governo de John Kennedy —presidente associado a causas progressistas, como a luta por direitos civis.

Embora o documento não dê ênfase a um estilo específico, apoiadores de Kennedy consideram que a medida privilegiou o brutalismo em detrimento de outras vertentes.

"Ao rejeitar um estilo de design que defendia princípios progressistas, a administração atual pode limpar a capital de quaisquer símbolos físicos de um período considerado por ela degenerado", diz James Fortuna, pesquisador da Universidade Columbia, em Nova York, e especialista em história da arquitetura. "Tornar esse estilo fora de moda é também tornar as ideias dos anos 1960 ultrapassadas."

Matheus Rocha é jornalista da Ilustrada.